

AO DECLINAR

conto de

Preto e luzidio, luzidio e preto, como viuvinha de crepes, o melro chalreava nas balsas, bendizendo a manhã; em derredor, o gorjeio travesso da fêmea, retrucou e uma melodia imensa percorreu o silvado, de lés a lés, ressoando pelos baldios, adormecendo as quebradas.

Para os lados de lá do Tejo, o sol apearlata-se com a sua indumentária loiro-rubra, gratificando água e terras com o bafo quente, vivificador. Onde o horizonte parecia perder-se, a lezíria agreste, pintalgada pelo borrão dos touros manadios, estendia-se, ao acaso, acompanhando, té longe, as sinuosidades do rio. Das bandas do povoado, o fumo subia, dissipava-se pelas encostas; d'aqui, d'acolá, de todos os sítios, eram veigas e montados, divididos até ao último pataco de terra, bem aproveitadinhos em courelas repassadas de seiva.

Estendido, onde topara mais sombra e melhor camada de tufo, Tónio Cruz observava as manobras dum alavão: — na vanguarda, a galinha-mã vistoriava o estrume enfaturado; depois, «pi-pi-piu», bico aberto, eriçados na falha lanugem, os pintainhos glutões seguiam-lhe na peugada; distanciadas, outras galinhas e frangas cortejavam um galito, sultão despretensioso de tão belas odaliscas.

Espontaneamente, a lembrança da gaiulice trepou à memória de Tónio Cruz. Outrora de cima da mata, e com a atiradeira, tresmalharia o bando à pedrada, enquanto a mãe, no varandim da açoteia, blasfemava:

— Ó, Tonho, raios t'abrazem! Chega-te a casa, Tonho!...

Outros quadros lhe inundaram a mente: — ele, sorrateiro, pinheiro arriba, traçando-se na verde caruma, apoderava-se dos ovos de gaio ou, de volta com mais rapaziada, assaltava os laranjais do Meireles. «Tudo lá ia, tudo lá ia», rematava ao acender a ponta. Soergueu-se.

No cimo do monte, os moínhos preguiçosos do Aníbal torravam ao sol que já caminhava para o meio-dia. Distinguiam-se agora, rio abaixo, barcos e lanchões na faina diária.

Tónio Cruz estendeu os braços moles, apertou o nagalho que sustinha as calças enroladas sobre os pés nodosos e começou a trilhar o caminho para a vila.

Num soccalco da outra vertente, mesmo de chapa, estava a sua casa, rodeada pela terreola que apanhara dos velhotes.

Ele, que desde garoto idealizara quintas e fazendas como as do Lopes e do Meireles, não havia meio de pôr pé em ramo verde. Sempre a moirer, na ânsia de vêr crescido aquele torrão minguido, eterno comedoiro do seu suor bendito, ainda não lograra espargir a vista senhoril sobre tudo à sua volta. Então, sim, lançar-se-ia à lida de cavar com o desejo vicioso de sobraçar a

enxada até que o corpo inerte tivesse os dias contados. Porém, a esperança do tempo feliz alimentava-o: — Talvez ainda conseguisse...

Pelo chocalhar mortício das campainhas, adivinhava-se o rebanho da Tia Rita. Lá estavam, remexendo por entre azinhais e sobreiros, as ovelhas meigas, plantadas umas perto das outras, em carreiros.

Tónio Cruz entrou em casa pelo quintal. Sobre a mesa, alfinetada do caruncho, refervia a malga de negras sôpas. De-vagar, fatiou o pão de milho e munquiou em silêncio. Do outro lado da taipa, mãe e filha escoicinhavam. Em dado momento, o Cruz resolveu pôr ponto na questão; com um pontapé, encaixilhou-se na porta e despediu: — Chó, bestas! A galdéria, anh... Eu que sonhe... Ora os fedelhos não querem namoriscar de poleiro!? É vêr o cão vadio afoitar-se, aqui à porta, e vai de corna partida! Um cevado, sem vintém para fazer cantar um cego...

Cabisbaixa, Matilde espicava os dedos rijos na agulha. Quasi de face pegada à costura, um cordão de lágrimas toldava-lhe a vista imóvel.

Não, não podia continuar assim. Precisa-vê-lo, falar-lhe, senti-lo perto, bem junto dela. Aos poucos, nimbosa tempestade encharcou os seus amorosos pensamentos e uma raiva muda surgiu-lhe das profundidades mais abruptas do íntimo.

«Ah!», e ela não descobrira ainda: — era por causa da outra, da Cambeche que ele se escusara a esperá-la na fonte. Só estava disposto sendo à janela — como conhecia, de sobra, o feito do pai. Sim, era isso, aquela «sem-vergonha», conhecida de mais de três, que se lhe metera à cara... Mas não havia de ser dela, nem que rachasse a delambida de meio a meio... E imaginava-os, brutos de amor, perdidos pelo mesmo desejo... Pregara-lha, enganara-a bem. E quando lhe confiasse o «seu segredo»? Sim, o seu recôndito segredo, calado com tanto amor, escondido com tanto desvelo? Quando, colorido o rosto pela teimosia do pudor, lhe segredasse que o seu corpo escondia qualquer coisa também dêle, que nas suas entranhas arrulhava... Oh! então, Virgílio lançar-se-ia a seus pés, implorando-lhe perdão e, de novo, a ventura viria uni-los para sempre.

Consumida, mas crente num novo futuro de amizades, Matilde recostou-se de encontro ao tabique.

Ainda o breu da noite confundia terra e céu, não perecera, de todo, a palidez da lua, e já o magote de cavadores abandoara para os lados do Açougue.

Porque o tempo mudara mal se divisava o caminho.

Das bandas da Praça chegava numeroso grupo — vinha o Marcelino, o Joaquim Melado, o Adélio, o Virgílio e outros que, mais atrás, discutiam um cigarro.

Trespasada pelo carujeiro, trôpega de sono, a matula esperava; mas não esperou muito. Casquinando sempre, o Ernesto, calseiro das terras do Lopes, industriou:

— Eh! rapaziada, vai d'aí que a jorna é de seis...

Uma gritaria de imprecações secundou a proposta. O Gomes, mais idoso e «bati-do» nas traças da praxe, ripostou: «Que não iam, não iam. O Meireles pagava melhor. Era roubar.»

Mata-bicho tragado e assente o preço da fêria, os ganhões arrancharam.

Nas serras de Este, uma débil claridade ia contrastando o fundo escuro da noite.

Ao passar no matadouro, o Zé Milho, brinchão de sangue na guelra, servindo-se do casaco remendado, capiou:

— Eh! carneiro, eh! malesso!...

Pinchadas as últimas congostas da vila, os cavadores atalharam em direcção à encosta.

Agora, à esquerda do casario, a tonalidade esmorecida do sol alastrava. Em breve, tudo seria esplendor de luz, variação de côres. E já a enxada tinha subido e baixado, muitas vezes, ao cadenciar do corpo giboso, quando a gargalhada estridente do astro-rei corcovou. Então, toda a Natureza riu um riso saudável que cheirava a bênção.

Por instantes, o «shap-shap» compassado interrompeu-se. Soterrados até aos joelhos, os ganhões folgaram. Com uma mortalha entre os beijos grossos, o Silvino procurou tabaco. O Malhadas acendeu uma beata. E, de novo, «anh-anh», as enxadas trincharam o codeão indefeso.

Atrás, os montículos, bem alinhados em filas, perdiam-se, de sulco em sulco.

Como escorregasse o cabo polido, cuspinharam nas mãos e, mui fixos, revolveram a terra fresca que vinha do fundo. E cavaram, cavaram. Suavam a potes.

A hora do almôço intervalou o rude trabucar. Recostados na felpa dos almargeais, rilharam, mudamente.

Monte acima, cabras exigiam feno tardio ou serralha perdida pela maranha dos tojos; a tinta ruça das suas fardetas realçava a primor, no verde basto do ervaçal. Desembaraçado, fariscando aqui, focinhando acolá, o cão de guarda conduzia o rebanho.

Recomeçara o Trabalho e, com ele, a Vida. A princípio, os homens cavaram em linha; mas três golpes certos dêste ou daquele dispersou-os ao largo. Chapado de sol, humedecido de suor, o Gaspar emborcou a cabaça de vinho rascão; de um a um, doutro a outro, aos baldões, a vasilha correu.

Já perto da hora de jantar, o escudo vivo

DA LABUTA

Faria de Xira

do astro despedia fogo; tornara-se a labuta mais lenta, — o cansaço mais difícil. Quebrados pelos rins, eternamente caídos para a terra, os ganhões resfolgavam.

Chegou, enfim, o novo descanso. Cambeche, alguidar da roupa à maneira de canastra e cêsto pendurado do braço curto, veio trazer o jantar ao Virgílio. Ele falou pouco embebido na contemplação das formas cheias da amante. Com receio de o contrariar, ela respeitou-lhe o mutismo, suportando os o'hares piegas. Então, já ia longe a folga, a Cambeche ajeitou o alguidar e, mais corrida que os tamancos de prateira, seguiu o caminho do riacho. Ele apreciou-lhe o vulto, gritando que, depois da cava, passaria por lá...

Mais subido no alto, levado em direcção às franjas da montanha, o sol torrava tudo. A gleba endurecia de momento a momento. E os trabalhadores, camisas requeimadas pelo calor dos sóis, desciam a enxada, levantavam-na, depois desciam-na tanta vez até cansar o fôlego.

Com a maré alta, o Tejo afundara cabeços e mouchões; nas margens falsas, baloiçavam lanchas que tinham dado em seco na baixa-mar; pelas águas límpidas serpenteavam os mastros esguios dos barcos altaneiros.

Já por detrás das serras se quebrara a claridade do dia; o lume amortecido do astro suavizava os corpos desalentados pelo

esfôrço. Um ruído de gorjeios brincava no ar quente, animando os espíritos para um hino ao crepúsculo. E foi só quando o sol falecia num esgotamento de oiro, agonizava nos derradeiros gorgolões de luz, que o fastio da enxada morreu.

Pachorrentos, doridos pela canseira dos magros tostões, os cavadores, jaleco pendurado no ombro e ganha-pão de encontro aos costados, derivavam pelos carreiros, trauteando cantiga de sua feição.

Sentada à máquina, do lado da janela, Matilde costurava, atenta ao ruído de passos que chegava da cosinha.

Fora da cêrca, pelo córrego que entesta à vila, regressavam os trabalhadores da vida cotidiana; eram, agora, os servos da gleba, lentos numa mansidão sãdia, depois, os bandos armados da monda da azeitona, meixidos e numa ligeireza tagarela.

Passavam, passavam todos menos ele; bem o esquadrinhara com a vista, mas quê! o «safado» andava ainda envolvido nos enleios da «galdéria». Mas tinha de lhe falar. Era topá-lo em qualquer encruzilhada e zás! havia de gramá-la nem por obrigação. Quem sabia! Talvez tivesse ido pelo riacho para passar na fonte, por casa dela. E, resoluta, ergueu-se, compôs os aventais que já mal dissimulavam a dilatação do ventre



lasso e, pé ante pé, à socanra, para evitar que a mãe botasse chinfrinada, foi-se à cata da bilha ao pial da lareira.

la a fechar a porta na tranqueta, quando uma voz afinada ecoou lá de dentro:

— Onde vais tu, Matilde?

— Credo! Vou à bica, volto já...

À socapa, o ligeiro negrume da noite ia-se dilatando das bandas da serra, a envolver o terrunho num lusco-fusco suave que se alargava para o rio serêno; por sobre os montes suões clareavam rajas pardas rematando o resto azulado do céu.

Caminho adiante, pelas cercanias da fonte, propensa a derriços, cruzavam-se, de quando em vez, os pares bisonhos, enlevados num idílio pegadigo.

De pé, acomodando a rodela de esfregão, Matilde descancava a bilha no mural da bica, quando, do cimo da vereda, surgiram Virgílio e a Cambeche, ele, falador, mão amparada ao cabo da enxada, ela, risonha, alguidar da roupa apoiado à ilharga. Matilde sentiu ganas de esfregá-los juntos, mas, o amor profundo que nutria por ele deteve-a. Deu-lhes passagem, sem ligar importância. Então, a imagem da vida irrompeu aterradora, prestes a tragá-la numa onda de ódio. E mais êsse esbôço se tornou abjecto, imundo, com o vulto fero do pai exigindo contas da honra perdida. Entontecida, desgrenhada, calçou ladeiras áruas té que, perdido o equilíbrio, na correria desmedida, se despenhou na noite retinta.

A PENA DE MORTE

Estão a funcionar os trabalhos legislativos da Assembleia Nacional, devendo dentro de dias ser discutido o projecto que estabelece a pena de morte, em Portugal, para delitos de natureza política.

O brado que em Portugal se tem ouvido é o de: *Não matarás!*, proferido por Cristo no alto do Sinaí. Confúcio na velha China, Buda na Índia, mais tarde Sócrates na Grécia, Erasmo em Basilea representando o mundo, deixaram aflorar — quantas vezes! — a seus lábios as únicas palavras capazes de sólidamente edificar a Paz: *Não matarás!*

Essas vozes que representaram a essência do mundo moral ou intelectual das suas épocas devem ser escutadas.

Porque o *Não matarás!* tem hoje a significação dignificante, mas também útil e prática, de ser o grito que se adivinha, por êsse mundo fora, nas gargantas sufocadas dos homens.

Que Portugal não mate! Há na sua civilização a glória de ter abolido, como lembrou Artur Inês, a escravatura no tempo em que o mundo a não abolira ainda, e a glória também

de ter compreendido — e depois agido contra ela — a brutalidade feroz e irreparável duma pena que passa além da vida, determinando a morte.

Portugal não deve matar, porque Portugal *verdadeiramente* não quer matar!

É contra o signo mais distintivo da sua civilização — o matar. Fere a tradição mais honrosa do nosso passado. *É cruel*, diz o povo. *É inútil*, dizem os cientistas, criminalistas, e psiquiatras. E por isso,

Portugal não matará!